

O CEARÁ E OS CEARENSES

POR

Antonio Bezerra de Meneses

Aos moços do Centro Litterario.

Quem estuda attentamente o homem cearense em relação ao seu territorio, a sua educação, sua intelligencia, sua coragem, vida aventurosa, tendencias para as lettras, meios de que se serve para impor-se onde quer que se ache, selvageria das suas paixões, actos de abnegação e grandeza d'alma na realisação de nobres commettimentos, inexcedivel resignação ante os rigores de seu clima e estragos das seccas, entranhando amor á terra do berço da qual jamais se esquece, conclue que é elle uma excepção no paiz, isto é, que tem caracteristicos differentes entre os demais filhos do norte e do sul.

Victor Tissot disse que a Hungria era uma excepção na Europa, e nós pensamos que o mesmo se pode dizer a respeito do Ceará.

Situado ao norte do continente sul-americano, o atlantico deu ao seu territorio quasi que a mesma forma e relevo do continente africano, que lhe fica fronteiro, e grande parte do interior, aberta em extensos taboleiros

que aos ardores do sol do verão se despem da ligeira vegetação, semelha em muito por esse tempo os campos do continente negro.

Ha logares que são verdadeiros desertos, e em geral o terreno tem feição diversa da dos outros Estados.

O seu sub-solo é todo forrado de uma camada de granito mais ou menos espessa, onde as aguas das chuvas se mantêm, de sorte que aberto um poço, logo que na excavação se chega á pedra, desapparece a agua.

Pela sua posição septentrional na curva que faz o continente para éste, fica elle batido dos ventos alisios e sujeito ás terriveis calamidades das seccas. Querem alguns que para isso mais influam causas meteorologicas.

Nós, porem, acreditamos que ainda realisados os melhoramentos aconselhados pela sciencia, como construcções de grandes açudes, repovoamento das mattas com arvores apropriadas a attrahir as chuvas, as seccas serão eternamente o flagello daquella desventurada região,

Em uma terra onde não ha caça e muito menos pesca, onde a sua principal riquesa é a criação de gados, toda a vez que a secca se apresenta torna-se ella um verdadeiro Sahara não dando mais signal algum de vida.

Ás vezes levamos a pensar si os primeiros povoadores, Pero Coelho de Souza ou os missionarios Francisco Pinto e Luiz Figueira, estes principalmente que eram homens de talento e instruidos, não influiram para que se denominasse a nova terra de Sahara em vista das dunas que orlavam as praias em grande extensão á semelhança do desolado deserto.

As duas palavras quasi que se confundem na pronunciação, e a muita gente temos nós ouvido chamar Sahará.

Esta questão de origem da palavra Ceará ainda não foi decidida. Ha de ser mais tarde.

Seja como for, é a inexorabilidade das seccas que traz para o cearense a sua distincção, a sua superioridade, a sua gloria; pois que, não tendo que confiar nos re-

cursos da natureza, vae procural-os por toda a parte do universo.

Sobrio, affeito ao trabalho pesado para conseguir o pão de cada dia, é educado desde creança na eschola da adversidade e do soffrimento. Não tem que estranhar tormentos.

A vida que lhes cabe é cheia de aventuras e de perigos.

Quasi tres quartas partes da população sertaneja entregam-se á labuta da industria pastoril, e naquelle clima, onde a estação secca predomina, peza-lhes de modo acabrunhador o serviço do campo.

A demora do inverno que muitas vezes só se apresenta em dias do mez de Março, metade então do tempo das chuvas, é forçado o pobre vaqueiro para amparar a fazenda da sua entrega, como vulgarmente se diz, a cortar e deitar aos gados a rama de arvores forrageiras, que felizmente ainda nessa epocha conservam-se em plena folhagem, como o juazeiro (*zizifus juazeiro*), a cannafistula (*cassia fistula*) e o mandacarú (*coleus sp*).

A natureza auxiliando ao homem na sua angustia!

E nem podia ser de outra forma; pois que se não fossem essas arvores em tempos criticos, muito maior seria, sinão total, a mortalidade da creação grande.

Mau grado a grande protecção que aos vaqueiros prestam esses vegetaes, elles os colhem com grande sacrificio. Carregam á cabeça a ramaria para distribuil-a polos campos aos animaes magros, e nesse exercicio são vistos por vezes lavados de sangue pelos espinhos da utilissima rhamnacia.

Tormento muito maior é o alevantamento das rezes, que por enfraquecimento já não se podem ter de pé.

E' horrivel! só quem conhece o sertão e os viu nessa quadra dolorosa, é capaz de fazer idéa do que soffrem os encarregados das fazendas.

Por toda parte arma-se uma especie de girau, onde fica por dias a rez a alimentar-se com rações de rama, até que fortalecida com esse tratamento pode então andar por si.

E o serviço das cacimbas!

E' quasi diario attendendo-se que o pobre coitado cava hoje e amanhã torna a cavar. O calor do sol absorve rapidamente a agua até que esta desapparecendo na lage, tem elle de abrir nova cacimba.

Chega afinal o inverno, e com o inverno vem a alegria, a abundancia, o movimento, a vida. Da-se uma especie de resurreição; tudo desperta, acorda, canta, pula e se expande.

Mudam-se as scenas, o vaqueiro esquece logo o passado de dores, e continua sempre activo em outros trabalhos

Agora é o tratamento do gado accommettido da varigeira, que se perderá inevitavelmente, si o não acudir elle com remedio prompto. Depois vem a vaquejada, a ferra, a junta, as retiradas, e outros serviços, cada qual mais pesado naquelle clima de fogo.

Apesar dos pesares o vaqueiro é um typo, que não desapparecerá nunca do Ceará.

Vestido asseiadamente com as suas estreitas perneiras, especie de calças de coiro, guarda-peito, gibão e chapeu, tudo feito da melhor e da mais bem curtida pelle de viado garapú, bem pospontado em bizarros desenhos á linha, por isso que destôa do traje geral, torna-se um tanto curioso, principalmente para quem nunca visitou o sertão.

No interior referem-se innumeras lendas a respeito da bravura, coragem e agilidade dessa gente.

O vaqueiro faz consistir a sua fortuna no amor á mulher, na amizade extrema ao seu cavallo de campo, á sua viola e ao gado da *sua entrega*.

A esposa é como as demais, virtuosa e casta, e ai della se o não fôra!

O cavallo é tão aprendido e pratico no serviço de campear, que basta um leve toque na redea para comprehender a intenção do seu senhor.

Nas juntas, quando n'alguma varsea se rodeia o gado, basta que uma rez se desprenda do magóte e corra em busca da matta para que elle se precepite em vertiginosa carreira até alcançal-a, e, nesse momento inclinando-se o vaqueiro sobre a sella para o lado direito, enrola na mão o extremo da cauda da rez e num rapido empuxão atira-a ao solo, onde é immediatamente presa ou peada.

Si por ventura interna-se na matta, no mesmo trilho a acompanha o animal, saltando as mesmas grotas, mergulhando por baixo dos mesmos galhos, rompendo os mesmos espinheiros, arrostando os mesmos perigos sem diminuir de velocidade, até que sae ella n'algum espaço limpo para ser derrubada.

Esse trabalho perigosissimo não é somente feito de dia, á noite na escuridão mais profunda é elle executado com a mesma temeridade.

Parece incrivel, mas é a verdade, e o facto é confirmado por milhares de pessoas de criterio.

Acontece muitas vezes que o cavallo ou o cavalleiro ou ambos juntamente venham a ser victimas de seu denodo, ficando como se tem visto, um ou outro atravessado na ponta de algum pau; mas isso não arrefece o orgulho dos outros, que só se tem em conta de peritos e destemidos, possuindo a sciencia de correr a taes deshoras no matto.

Decanta-se o gaúcho porque sabe tirar carreira desenfreada nos seus cavallos, no entanto este não têm a pericia e audacia do vaqueiro cearense.

O gaúcho corre em campo limpo, que quando muito é alteiado por suaves cochillas; o vaqueiro n'este serviço arroja-se ao precipicio e tem sempre a vida em risco, pois que o Ceará é coberto de matto, este pela esterilidade do solo é composto em geral de arvores espinhosas, esgalhadas e baixas, physionomia da vegetação hamadryade na opinião de Von Martius.

Não ha termo de comparação entre os dois.

Depois do extremado affecto que o vaqueiro vota ao seu cavallo de campo, inseparavel companheiro de suas façanhas e perigos, ama elle não menos a sua viola, o seu pinho, como a denomina o populacho.

Em geral é bom musico e improvisador.

Este instrumento, differente da guitarra apenas em ter os sons mais baixos, foi trazido pelos Mouros para a Hespanha ao tempo da sua conquista, e d'alli passou ao Brazil.

Serve principalmente para acompanhar o canto, e ninguem ha que possa ouvil-a sem recordar-se agradavelmente das serenatas que á noite se fazem em divertidos passeios ou debaixo das janellas d'alguma querida enamorada.

Na Hespanha e Portugal ainda hoje se repetem essas scenas poeticas.

O tocador cearense canta ao som de uma musica terna, melancholica, que lhe ensinou a natureza equatorial, os seus amores, a sua vida de trabalhos, as alegrias do seu lar, a sua valentia em domar os bois mais catingueiros, as tristezas das seccas, a saudade que infunde a vastidão dos campos, a excellencia de seu partido, as grandezas de sua terra, e por vezes até a sua propria infelicidade.

A viola tão querida nos sertões, que forma uma parte da bagagem do sertanejo, que entra em toda a parte, e concorre sempre para o augmento da alegria do povo nas festas de baptisados e casamentos e outros motivos de regosijo, tende a desapparecer em breve ante a invasão da harmonica, o instrumento mais desharmonico e antipathico que já inventou a imaginação humana.

E' pena; desapparecida a musica, está morta a poesia popular; pois que ambas nasceram da mesma inspiração e não podem viver separadas.

Qual o filho daquella terra desventurada e poetica, que deixará de sentir a ausencia da viola quando assistir as singellas scenas do samba, as estrophes rhythmadas dos cantadores em desafio, as danças simples do povo,

que recordam a ingenuidade e o descuido dos tempos patriarchaes!

A viola é um traste indispensavel para o cearense, faz parte de sua familia; sem ella não pode haver festa, nem canto, nem dança, nem motivo algum de alegria.

Saber tocar bem a viola é um requisito de superioridade, uma prova de grande distincção, um motivo de ufania para aquella bôa gente.

Assim, desterrar do Ceará o adoravel instrumento é o mesmo que alterar o typo do vaqueiro, mudar-lhe o traje, prival-o do chapeu do coiro, o distinctivo mais notavel do homem dos sertões, sem o qual perde elle o caracter e mais o valor.

Entretanto, é inevitavel o seu desapparecimento. A moda, essa transformadora dos habitos e costumes por ventura arraigados ha seculos, invade e altera tudo, substituindo a simpleza e ingenuidade do passado por modos falsos e exagerados.

Vencerá, afinal, a terrivel harmonica, a opulenta harmonica, importada com o dinheiro dos seringaes do Amazonas, ao singello instrumento que tanto deliciou os nossos paes e a nós ainda hoje.

O seculo é de quem mais força tem!

Não preciso dizer que sobre tuda presa o vaqueiro a creação grossa e miuda sob a sua guarda. Della tira elle a alimentação quotidiana e os demais recursos para o conforto e bem estar da familia.

Vive alegre e contente, e, na sua independencia, não inveja a ninguem.

Diminuta é a parte do Estado, que se occupa da lavoura.

Em Lavras, Missão-velha, Milagres, Jardim, Barbalha, Crato, serra de S. Pedro, Sant'Anna do Cariry, Araripe, Assaré e Varzea-alegre ao sul, é onde se cuida mais desse serviço, e ainda assim em pequena escala.

Basta uma ligeira observação para se chegar ao conhecimento de que os habitantes desses municipios differem de modo sensivel dos outros do interior e littoral.

Os homens da zona sertaneja são alegres, indolentes, hospitaleiros, generosos e francos; ao passo que os da zona agricola são retrahidos, calados, trabalhadores e pouco sociaveis.

Nota-se perfeitamente que a emigração que veiu para o Estado depois da guera hollandeza e estendeu-se do Aracaty ao Cariry, pela ribeira do Jaguaribe, é uma na primeira parte; e a que povoou a ribeira do Salgado, o Cariry e pontos adjacentes, é outra.

A primeira veiu de Pernambuco, Parahiba e Rio Grande, e entrou pelas costas e pelas depressões da serra do Apody nos logares hoje conhecidos por Quixeré, Olho d'agua da bica e riacho Figuerêdo; e a segunda veio de Sergipe e da Bahia, e fez a sua entrada pelo Rio Jaguaribe e depois pelo riacho de Porcos, que corre entre as serras do Icó e do Araripe e vae lançar-se no Salgado, e ainda pelas nascenças do rio do Peixe, vindo sahir o povoação do Umary.

Os rios foram o caminho dos primeiros exploradores.

Como se sabe, os do Ceará são apenas sulcos por onde se escôam as aguas das chuvas, razão porque o Conselheiro Beaurepere Rohan opina que nas cartas geographicas se substitua a palavra rio pela de ravina, que quer dizer esborrandadouros formados pelas chuvas no inverno.

Das cercanias da Fortaleza passaram os exploradores ás Ribeiras do Pacoty, do Choró, do Pirangy, do Jaguaribe, do Palhano, do Figuerêdo, do Banabuyu, do riacho do Sangue, do Quixeramobim, etc., etc., primeiramente nas barras, e depois pelo curso acima; e assim por todo o centro, de sorte que pelo anno de 1720 mais ou menos, não havia um rio que não fosse conhecido e habitado.

Desenvolveu-se rapida a população. Em 1700 fun-

dou-se no Aquiraz a primeira villa, e a industria pastoril tomou o maior incremento possivel.

A vida civilizada adoçou as asperezas de costumes dos primeiros bandeirantes, e muitas vezes a lei teve que reagir contra a prepotencia dos donos das fazendas, que eram quasi todos abastados e perversos.

Tudo progredia na nova capitania, quando, por ordem regia de 15 de Abril de 1718, se mandou que os ciganos residentes em Portugal fossem embarcados para a India, Angola, S. Thomé, Cabo-Verde, Ceará e Maranhão; e os que vinham desterrados para o Brazil, fossem enviados para o Ceará e Angola, e não se consentisse que voltassem mais ao reino.

Os primeiros ciganos que chegaram a Bahia foram de ordem da Camara habitar a parte do bairro da Palma, que por isso se ficou chamando Mouraria; mas propagando-se consideravelmente a'ponto de não se poderem accommodar naquelle sitio, designou-lhes a mesma Camara outro na freguezia de S. Antonio alem do Carmo, conforme escreve Abreu Lima, na sua *Synopsis ou Deducção chronologica dos factos mais notaveis do Brazil.*

Ha sempre repugnancia dos patricios em acceitar esta origem, mas preciso dizer alguma coisa para os convencer da verdade que nesse estudo justifica perfeitamente o meu modo de pensar á respeito.

D'onde vieram esses nomadas que têm sido tão injustamente apreciados?

Uns pensam que sahiram do Egypto, o paiz da superstição e da bruxaria; da cidade de Singara na Mesopotamia; outros que são Tartaros expulsos das planiceis da Asia. Hoje a sciencia sentou definitivamente a sua origem, affirmando que vieram do Indostão.

Sua linguagem tem semelhança notavel com os idiomas sanskritos.

Herber, bispo gallicano em Calcuta, encontrou nas margens do Ganges um acampamento de Tziganes indos, que falavam quasi a mesma lingua dos seus irmãos da Europa. A semelhança physica não era menos conside-

ravel, e aquelles exercem os mesmos officios que os parias da India.

O nome de Tzigane, que se lhes deu na Hungria, na Polonia, na Russia, na Turquia, na Bohemia e na Allemanha, deriva-se do Sansckito Zinganrie.

Em França chamam-os Bohemios porque os primeiros que alli appareceram, diz Vulcanus, iam da Bohemia.

O Tzigane tem horror á immobilidade, e a tudo que o prende a um logar circumscripto, elle tem ancia de andar, de percorrer o mundo inteiro. Sujeita-se agradavelmente á pena de Ashaverus.

Entretanto, como não ha regra sem excepção, ha entre elles muitos que exercem altas posições, têm-se tornado sedentarios e conseguiram grandes fortunas.

Victor Tissot divide-os em tres classes: os que andam descalços e sem chapeu; os que usam chapeu e trazem sapatos aos domingos, e os que andam sempre calçados e com chapeu. Os ultimos são perfeitamente civilisados.

Em geral entregam-se ás delicias da musica, e sobresahem aos demais musicos na execução das arias hungaras, pelo que gosam de extraordinaria popularidade.

A arte, diz Listz que os estudou de perto, sendo para elles uma linguagem sublime, um canto mystico, elles della se servem segundo a exigencia do que querem dizer, e não se deixam influenciar no seu modo de falar por nenhuma razão intrinseca.

Sua musica é tão livre como sua vida. Elles passam sem preparação de um tom a outro; das etherias alturas do ceu ás profundezas do inferno; da queixa, que suspira, passam bruscamente á canção guerreira que resôa; impetuosos e ternos, ao mesmo tempo ardentes e calmos, suas melodias nos enlevam a melancholica scisma ou nos arrastam a expressão fiel do caracter hungaro: vivo, brilante e caloroso ou triste e apathico.

Escreve ainda o mimoso poeta Victor Tissot, que tão inteira e completa descripção deu da vida e costumes dessa gente no seu precioso livro *La Hongrie*: Elles habitam o paiz phantasioso da Bohemia, o paiz da

indolencia, da alegria, do capricho vagabundo, da preguiça scismadora.

Livre como o passaro, viajor como o vento, o Tzigane vae para onde o leva o seu humor á descripção de sua vontade ou de sua phantazia. O que lhe falta para ser feliz? Uma morena companheira, sol, um tapete de relva, um horisonte sem limites, o rumorejo do regato no musgo, um pouco desta poesia da vida selvagem que faz parecer tão triste e tão monotona a vida civilisada. Onde acha com que alimentar os seus cavallos e lenha bastante para fazer fogo, ergue a sua tenda e passa os dias deitado de costas ou de ventre, fumando o seu cachimbo tão tranquillamente como si nada lhe faltasse sobre a terra.

Na embriaguez de sua independencia, diz Lenau, o esplendido auctor do *Cabaret dans les stepps* e os *Trois Tziganes*, elles zombam da miseria como da injustiça da sorte; eu delles apprendi como a gente se consola quando a sorte nos trahe; consola-se dormindo, fumando e cantando.

Na sua apparente miseria, este Mohicano da Europa conserva-se millionario de illusões, de alegria, de bom humor. Para elle o primeiro dos bens é a liberdade. O paiz onde se sonha, onde se pode embebedar de preguiça, inebriar-se de musica, eis a sua patria, o paiz que elle procura e que adopta.

Como o Beduino de quem é irmão na vagabundagem e na poesia, o Tzigane não se prende á terra. Elle vae pelos bosques, ou pela puszta, ao ar livre, ao sol, por onde o levam o vento e o amor da liberdade.

E' num paiz como aquelle, exclama Tissot, que é preciso ir estudar este povo tzigane tão digno de interesse e de piedade. Não tarda reconhecer-se que elle tem qualidades que faltam ás raças superiores.

Os Bohemios são accessiveis a todos os sentimentos generosos, e aquelles que se acham a serviços de algum senhor são de uma fidelidade a toda a prova. Tem sido muito calumniados. Accusam-nos por toda a parte como ladrões, mas elles não commettem quasi sinão innocentes

furtos. Nunca um Tzigane roubou um objecto de valor, nem tão pouco foi encontrado entre grupos de salteadores.

Elle tem os defeitos do temperamentos sanguineo; é prompto, ligeiro, odeia a quem o constrange, e procura gosar de sua inteira liberdade de acção. Sua alegria é este coxim de pennas de cysne onde o coração sonha tão docemente.—Seu bom-humor é inexgotavel, sua concepção rapida, sua imaginação fertil; é observador, apanha logo o lado fraco das pessôas no meio das quaes o acaso dos caminhos o faz deparar, e ri-se dellas com finura. Seus bons ditos, seus gracejos são o sal de todas as reuniões. Graças a sua presença de espirito elle sabe safar-se dos passos arriscados.

Tratando da fecundidade das mulheres, refere o galante escriptor o caso do director da musica mais celebre da Hungia, Sacz Pal, artista inspirado como Rémennyi, que era pae de trinta e tres filhos.

Sobre a vida e costumes dos Bohemios nada mais completo, mais minucioso que *La vie de Boheme* de Henri Murger.

Pelo tempo da colonisação do Paiz de Zaguarive, mais tarde Capitania do Ceará grande, vieram em companhia do primeiro explorador indios da tribu dos Petiguares, do Rio Grande, que deram o nome que tem hoje á nova terra por acha-la parecida com a de seu paiz. Jacaúna já assistia com os seus nas margens do Jaguaribe.

Para o interior habitavam os Tupinambás que, batidos na Bahia e Pernambuco, refugiaram-se a esse tempo no valle que é circumdado ao poente pela cordilheira da Ibiapaba.

Ferozes eram os tapuyas Payacús, os Genipapos, os Canindés, os Icós, os Calabaças, os Quixelôs, os Carirys, os Jucás e Teremembés, que percorriam toda a capitania, visto que não tinham poiso certo. Estavam hoje, aqui, amanhan, acolá.

Faziam a guerra entre si e faziam-na mais terrivel aos tupys, ou melhor aos da raça tupy.

Apesar da cruel·dade que se lhes attribue, diz o Conselheiro Tristão Araripe, na sua *Historia da Provincia do Ceará*, á pagina 23:

Os tapuyas do Ceará eram hospitaleiros, e não matavam o inimigo que conseguia abrigar-se nas suas terras e choupanas. Não consta que elles fossem anthropophagos; trucidaram muitas vezes os brancos com fereza e satisfação, quando destes se julgavam offendidos ou dos mesmos desconfiavam qualquer maleficio: jamais, porem, conhece-se facto algum comprobatorio de que elles fizessem pasto de cadaveres humanos.

Realmente, nada se conhece no que se tem escripto á respeito, desde o descobrimento do Brazil.

Os jesuitas, primeiros missionarios enviados da Bahia pelo Conde de Atouguia, em 1655, foram reunindo os tapuyas em pequenos nucleos, e ahi perdiam elles pouco a pouco a sua ferocidade, si bem que de quando em vez alteravam por futil motivo a paz e harmonia do arraial.

Aldearam aquelles sacerdotes os tapuyas pelos logares que denominaram de Paupina, Parnamirim, Parangava, S. Antonio de Pitaguary, Caucaia, Paussara, Payacú, Araré, Lagôa do Tapuya, S. João das Varges, Missão-velha, Missão-nova, Miranda, Quixelôs e outros, etc.

O governo da metropole empregou energicos exforços na defeza dos tapuyas, punindo aos que abusavam da sua ignoraucia, e não consentiu que fossem escravisados, como pretendiam os moradores previlegiados.

Os reis fidelissimos fizeram todo o possivel pela conversão dos tapuyas á religião christan, mas os colonos frustavam a vigilancia das auctoridades, e commettiam com elles tanta severidade que fugiam para os bosques.

Era muito difficil sujeitar-se um tapuya á perda da sua liberdade. Muitos morriam desesperados, quando não eram victimas do bacamarte do colono, que inventava mil

astucias para que o capitão-mór lhes declarasse guerra, e guerra de morte.

Com o correr do tempo o tapuya foi-se modificando, e pouco e pouco confundiu-se a raça do selvagem com a dominadora.

Para protege-los e anima-los a buscar a vida sedentaria, a metropole, por Provisão de 4 de Abril de 1755, ordenou que os filhos de Portugal que casassem com indias e seus descendentes seriam preferidos para os empregos publicos, e prohibiu que alguem por despreso chamasse caboclos aos indigenas sob pena de degredo para fóra da comarca.

Da fusão destes dois elementos e do elemento europeu formou-se a população do Ceará.

O filho daquella região de varzeas é intelligente, tem, como o Tzigane, o maior zelo da sua liberdade, adora a musica que aprendeu nas tristezas da natureza, e o seu canto é ora alegre, ora melancholico de accordo com o logar onde nasceu e condições de vida de cada um. Vive em eterna viagem de uns para outros municipios, do seu Estado para os outros e mesmo do paiz para o estrangeiro.

Essa inconstancia de residencia o tem tornado mais ladino, mais predisposto, mais apto para todas as profissões. Ordinariamente os enlaces se dão entre individuos de familias differentes ou de logares diversos.

Este facto é um motivo de desenvolvimento intellectual, e a sciencia anthropologica o tem demonstrado cabalmente com dados estatisticos.

Ciumento como um moiro, ama, com tudo, o cearense a sua familia e lhe dedica extrema affeição e carinho. Si é offendido, porém, na sua honra de esposo, não tem limites a sua vingança, e a esse respeito contam-se por todo o interior do Estado as mais horriveis historias, em que o bacamarte, a foice ou a faca lavou no sangue do offensor a injuria feita ao marido ultrajado.

O povo nesse ponto desaggrava-se dignamente contando com a impunidade, que nunca lhe foi negada pelo Jury, desde que foi instituido.

Observa perfeitamente quem por aquelle Estado viaja quanto é justa a theoria dos meios e a influencia que exercem sobre o homem a configuração do solo e o clima. Naquellas planicies elle é livre como o filho dos desertos, é corajoso, emprehendedor, activo.

Ama a deliciosa bebida do Cumbe, e de ordinario procura esquecer as contrariedades da pobreza no uso immoderado do tabaco.

Pode faltar-lhe o café da manhan, diminuir mesmo a ração alimenticia de cada dia, mas não supporta privar-se do seu adorado cachimbo.

Para maior semelhança com os typos ancestraes, as mulheres cearenses são de uma fecundidade sem egual no paiz.

Conhecem-se casaes que chegaram a produzir até vinte e oito filhos. E' a lei de origem, essa forma mediata da hereditariedade que chamam atavismo, por effeito da qual os seres voltam ás formas primitivas.

Neste ponto deve ter influido o elemento tzigane que realmente continua ainda a desenvolver-se do mesmo modo. Do indigena nada se recebeu, porque a polygamia só poude trazer, como trouxe, a degeneração e a inferioridade daquella raça.

Ha pontos de tão intima relação, tão semelhantes entre os Tziganes e os filhos do Ceará que admira.

A creança do sexo masculino de oito á dez annos já se dispõe aos azares da vida, pede aos paes permissão para empregar-se noutra cidade ou localidade qualquer, onde, diz elle, se ganha mais fortuna, quer ver outra gente, novas terras, e quando muitas vezes ás suas intenções se oppõe o amor paternal, elle deixa a casa, foge e atira-se pelo mundo sem levar o minimo recurso.

E é assim que, todos os dias, abandona o Ceará uma pleiade de rapazes validos, que sem dinheiro, sem protecção, sem meio algum, se espalha por todos os Estados

em busca de uma felicidade, que bem poucos são os que encontram.

O cearense vae por toda a parte, e onde quer que fixe a sua residencia, emprega esforços para salientar-se nas lettras, nas artes, na industria, no commercio, nos serviços mesmo mais pesados.

O illustre monsenhor Pinto de Campos, no livro *Jerusalem*, onde vem a relação de suas viagens á Palestina, diz que allugou na cidade do Cairo, no Egypto, os burricos para ir visitar as pyramides á um cearense. Talvez tivesse ido este procurar trabalhos nas obras do canal de Suez.

No livro *Da França ao Japão* do Dr. Almeida, membro que foi da commissão nomeada pelo Brazil para ir observar no Japão a passagem de Venus, refere aquelle senhor ter encontrado alli tres cearenses.

O senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, nas *Memorias* de uma viagem que fez a Europa, escreveu que, tendo ido a cidade de Cárdiff, na Inglaterra, encontrara um cearense empregado nas minas de carvão de pedra, que o reconheceu por ser, como o illustre senador, natural de S. Quiteria.

Ainda não ha muito, lemos na *Gazeta de Noticias* uma correspondencia de um distincto viajante brazileiro, que, si não estamos enganado, era assignada pelo Barão de Sant'Anna Nery, na qual contava que, estando uma noite com outros companheiros n'um hotel em S. Petersburgo, ouvira casualmente pronunciar-se em torno de si uma palavra da lingua portugueza, que o surprehendera pela variedade de linguas que se falavam na occasião.

Tocou o tympano, informou-se dos empregados, e chegou afinal á certeza de que alguem naquelle hotel falava portuguez. Foi trazido a sua presença um rapaz moreno, forte, bem disposto, que era criado do hotel, e o viajante depois de observa-lo por algum tempo, pregunta :

—O Snr. é portuguez ?

—Não, senhor.

— E' brasileiro ?

—Sim, senhor.

- De que logar?

--Do Aracaty, no Ceará.

Dizia o correspondente que sentiu, conversando com aquelle rapaz, a mais agradavel emoção; pois que havia muito não tinha ouvido alguem pronunciar uma palavra da sua lingua, e que não se podia avaliar o effeito que se experimenta no paiz extrangeiro, quando se ouve a melodia daquelles sons que em nada se parecem com o ruido guttural e aspero dos teutonicos e slavos ou vindicos.

Em Outubro ou Novembro do anno de 1896, a *Federação*, que se publica nesta capital, noticiou que havia sido condemnado na Africa Alleman a uma multa de duzentos marcos um cearense, por motivo de briga. Era a segunda vez que soffria a mesma pena.

Na ultima expedição portugueza, que atravessou a Africa, do Congo á Moçambique em 1886, salvo engano, marchou como medico da mesma o Dr. Azevedo, natural do Aracaty e educado pelo Coronel Guilherme de Azevedo.

Era o rapazinho que acompanhava, como criado, aos filhos do Coronel nos estudos, e estes fizeram com que o pequeno, pobre e sem familia, estudasse tambem, e conseguiram forma-lo em medicina na Academia da Bahia.

Concluido o curso foi o Dr. Azevedo a passeio á Europa, e de lá passou a fazer parte daquella expedição, não se sabendo depois noticias delle.

Não ha ninguem no Ceará que deixe de conhecer a Henrique Cals, actualmente presidente da Camara Municipal de Porangaba e despachante geral da Alfandega da Fortaleza.

Tendo sido enviado pelos paes para educar-se em França, muito moço ainda deixou o collegio e allistou-se no exercito francez, que com a Prussia bateu-se em 1870 e 1871. Tomou parte em diversos combates, sahindo-se sempre airosamente. Foi um bravo.

Ha annos via-se na cidade da Fortaleza uma pobre mulher que andava acompanhada de dois meninos, filhos

seus. Tinha um defeito no andar, e apesar de ser muito pobre era querida e respeitada de todos por suas bôas qualidades.

Pertencia á familia que tem por appellido Bacurau, e elles eram conhecidos por Menezes.

Tendo fallecido a velha, os meninos desappareceram da capital e nunca mais se falou nelles.

Ha pouco se soube que um havia morrido, e que o outro depois de servir por muito tempo, como empregado a bordo de navios que viajavam para a America do Norte, estabeleceu-se em New York, alli casou-se e é senhor de bonita fortuna.

Este voltou ultimamente ao Ceará, visitou os logares de sua infancia, e depois de ligeira demora, regressou á sua nova patria e ao seio de sua familia.

Sabemos que nos Estados Unidos residem diversas familias cearenses, que devido a bôa collocação de parentes para lá se têm mudado.

Do Aracaty conhecemos duas, a cujo embarque assistimos, quando em 1889, naquella cidade, estivemos em commissão do governo estadoal.

Em dias do anno de 1878, tempo terrivel da secca, que então anniquilava todo o Estado, appareceu-nos um rapaz de desoito annos, musculoso, sadio, disposto, que havia sido dispensado do escaler da Policia, pedindo-nos para arranjar-lhe um logar á bordo da barca «Ibiapaba» de propriedade da casa commercial Joaquim da Cunha & Irmão, cujo capitão mantinha comnosco a mais cordial amizade.

Falamos ao Snr. Francisco Malheiros a respeito da pretenção do nosso protegido, e em sua presença recusou-se a acceita-lo, allegando que já tinha conduzido dois cearenses como marinheiros da barca, e que apenas ancorara no porto de Liverpool, passada a primeira noite, nunca mais os vira.

Desfez-se em lagrymas o pobre pretendente, e nas suas exclamações promettia ao capitão não commetter a ingratidão dos outros, e que havia de ser-lhe o mais dedicado possivel.

Commoveu-se o Snr. Malheiros, cedeu in continenti, e o novo marinheiro foi engajado e embarcou para bordo.

Partiu a «Ibiapaba»

Ao fim de tres mezes, no regresso da barca, apparece-nos o Snr. Malheiros, e nos communica um tanto aborrecido que, logo que fundeou o navio em Liverpool, não se soube mais que fim teve o tal cearense, prejudicando-o no serviço de bordo por ser diminuta a tripulação.

Ora, um moço que não conhece a lingua do paiz em que desembarca, onde não se dá esmola, e reina a maior miseria do mundo, como na Inglaterra, desde que não procurou o navio á bordo do qual tem salario e commodo, é porque achou collocação mais vantajosa.

Com certeza elle arrumou-se.

O anno passado chegava ao porto da cidade de Belem no Pará um grande vapor allemão, cujo nome não nos recordamos agora por ter sido difficil de guarda-lo na memoria. Era um daquelles que se escrevem com umas dezaseis syllabas.

Com alguns camaradas, entre os quaes se achava o Coronel Carlos Augusto de Miranda, fomos a bordo receber um amigo que regressara da Europa.

O navio era extremamente limpo, e fazia gosto ver o asseio e a correcção da officialidade.

O Coronel Carlos Miranda notou logo, á primeira vista, que o commissario, não menos grave, não menos polido que os outros, differençava-se em alguma coisa dos demais empregados. Si bem que alvo e corado, tinha, no entanto, um certo *que* do typo brazileiro.

Indagou das pessoas que haviam comparecido a bordo, dos empregados das visitas do Porto, d'Alfandega, da Saude, e afinal soube de um moço allemão, caixeiro de uma casa extrangeira n'aquella cidade, ser o commissario natural do Ceará.

Este facto impressionou-nos profundamente e foi conhecido de todos que visitaram o navio.

Achando-nos na Capital Federal, no tempo da exposição preparatoria de Chicago, em uma certa occasião palestrava perante alguns cavalheiros um moço formado em medicina, natural do Estado de Minas, que acabava de chegar da Europa. Si não nos enganamos era o Dr. Magalhães Gomes, notavel botanico brazileiro.

Assistia a palestra o pharmaceutico Vicente Gomes de Araujo, residente actualmente nesta capital.

Referia o mencionado Dr. que nas suas viagens a Suissa, visitando um dia uma mina de cobre, parara extasiado diante de um bloco daquelle precioso minerio.

Entrara em companhia de outros, e ao dar com os olhos no collosso mineral exclamara involuntariamente arrebatado de admiração: bonito!

Nesse momento, um operario approxima-se delle, e lhe diz com os olhos humidos de lagrymas e voz commovida: Senhor, V. S. é brazileiro, eu já vi. Peço-lhe pelo que mais ama no mnndo, fale um pouco mais a lingua de nossa patria, que ha muitos annos não ouço uma palavra. Fale, fale, em nome de Deus eu lhe peço. Quero ouvi-lo, quero ainda antes de morrer ter a felicidade de escutar ao menos por um momento essa lingua, que falava a minha familia, quando eu tinha familia.

Fale, senhor, fale um instante, eu quero saciar as saudades que tenho da minha patria.

O Dr. surprehendido, não sabendo o que dissesse, preguntou-lhe:

A quantos annos está aqui?

—Ha muitos, ha um seculo.

De onde é natural?

—Sou natural do Ceará.

E nunca mais voltou lá?

—Não, nunca; e creio que não terei mais este unico prazer na vida. E cada vez mais se desfazia em pranto.

O Dr. conversou largamente e o deixou por fim calmo e resignado com a sua triste sorte.

Sabemos com certeza que diversos cearenses exercem empregos nas repartições do Perú, da Bolivia, do Chile,

e que nas cidades de Buenos-Ayres e Montevidéo residem alguns bem collocados.

Temos tido innumeras informações á respeito, e os jornaes diariamente estão a declarar o que affirmamos.

Em 1876 conhecemos no Ceará a D. Maria dos Reis, natural de Quixeramobim, e entiada de Joaquim Manoel de Lima, que, seguindo para o Rio de Janeiro, lá casou com um oriental e foram habitar para Montevidéo.

Viveram muitos annos casados, e tendo fallecido o marido, voltou aquella senhora para a terra natal, trazendo uma pequena fortuna.

Alli sempre manteve luxuoso tratamento, de sorte que só se vestia de fazendas de seda.

Em todos os Estados os cearenses se acham mais ou menos collocados de conformidade com as suas aptidões e talento.

Podiamos levar muito alem a relação dos cearenses expatriados que vão longe procurar a vida mais facil. O seu clima pouco ou nada os auxilia.

Temos ouvido milhares de narrativas desses pobres judeus da lenda que vivem contentes nos hoteis de S. Petersburgo, atravessam a Africa, e amanham, cantarolando, os campos do Japão.

Agora ligeira apreciação sobre alguns factos que enriquecem a sua historia e comprovam a nossa asserção.

Quando em 1822 os povos do Brazil se preparavam valorosamente para emancipar-se do dominio portugues, do mallogro das revoluções de Tiradentes e de 1817 no norte do paiz, os cearenses reunidos na villa do Icó a 12 de Outubro daquelle anno formaram o seu governo temporario, e proclamaram a independencia.

A 27 do mesmo mez foi nomeado vogal do mesmo governo o coronel Antonio Bezerra de Souza Menezes, que acabava de bater na fazenda Forquilha as tropas

realistas sob o commando do capitão Manoel Antonio Diniz e tenente José Felix de Mendonça.

Constitue este facto a mais brilhante pagina da historia do Ceará, pois que realisou-se muito antes de ser conhecido o pronunciamento do Ipiranga.

E' sem duvida motivo de ufania para aquella gente.

Na tentativa de constituir-se a Confederação do Equador, em 1824, foi o Ceará a provincia que mais trabalhou por ella e que mais soffreu o odio do rei.

Assim, chegou a ter o seu presidente, o denodado Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o seu exercito, o seu estandarte, a sua moeda, os seus heróes, a sua historia.

No antigo Largo da Polvora, hoje Praça dos Martyres, onde se acha o Passeio Publico, pagaram com as vidas o amor que tinham a liberdade os bravos Padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó, Coronel João de Andrade Pessôa Anta, Tenente-Coronel Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Major Luiz Ignacio de Azevedo Bolão e Tenente-Coronel Feliciano José da Silva Carapinima.

Os outros soffreram prisões, castigos e degredo

A commissão militar nomeada por Decreto de 5 de Outubro de 1824 *para punir os rebeldes* foi confiada ao Tenente-Coronel de Engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer.

Estes e os seus companheiros, o Juiz relator Manoel Pedro de Moraes Mayer, o Major José Gervasio de Queiroz Carreira, os capitães J. Cabral, João Sabino Monteiro e João Bloêm foram inexoraveis com os compromettidos na rebellião, como denominou o Decreto áquella nobre tentativa.

Escrevemos estes nomes, para que fiquem elles eternamente expostos á execração publica.

O governo com taes malvados suppoz afogar no sangue dos martyres a idéa de republica, mas ella nunca deixou de florescer no coração dos filhos da terra da luz.

Pernambuco e as mais provincias envolvidas na re-

volta não tiveram gloria egual a que coube ao Ceará no seu sacrificio pela liberdade.

Os descendentes dos heróes, que derramaram o seu sangue, supportaram affrontas, soffreram perseguições, desterros, e outros tormentos, que inventa a perversão humana, devem sentir hoje o mais doce consolo vendo realisado o pensamento que tanto custou a seus avós.

E os perseguidores, que é delles? Tombaram no barathro do esquecimento, legando a posteridade a copia da sua indignidade e subserviencia.

Affeitos aos grandes commettimentos, acceitam os cearenses facilmente toda a idéa de progresso e adiantamento.

Eis um pequeno facto que denuncia, pelas circumstancias que se deram, quanto prezam a tudo que tende a levantar nossa patria.

Quando chegou ao Ceará a noticia de que o Governo havia adoptado por lei n.° 1157 de 26 de Junho de 1862 o systema metrico decimal, autorisando-o desde o 1.° de Julho de 1873, ouviu-se logo, depois da chegada do vapor do Sul, o estoirar de mil foguetes, que se queimavam por todos os angulos da mimosa cidade.

Dentro de pouco tempo o novo systema de pesos e medidas achava-se admittido por todas as localidades do interior.

Não houve repugnancia; pelo contrario foi elle recebido com enthusiasmo.

Infelizmente, porem, ninguem ignora quanto custou faze-lo acceitar no interior de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte.

Custou muito sangue aos inimigos do systema, aos quebra-kilos, e é dolorosa a lembrança dos collêtes de coiro, da perseguição desenfreada que se fez aos pobres matutos tão vivamente cantada pelo illustrado Senador Almino Affonso, o eterno defensor dos pequenos, dos pobres, dos infelizes.

Entretanto, na Capital Federal não são ainda admittidos os pesos e medidas decimaes, e a prova está em que nós, em 1893, tivemos de reduzir por calculo metros a covados na occasião em que compravamos fazendas n'um grande estabelecimento, na afamada rua do Ouvidor!

Por muita parte se mercadeja ainda pelo systema velho.

Ninguem resolve esquecer-se do quartilho, da terça, do covado.

O que podemos garantir, sem receio de ser contestado, é que no mais insignificante e miseravel logarejo do Ceará compra-se e vende-se pelo methodo admittido nos paizes mais adiantados do velho mundo.

Como soldados tem os cearenses dado as maiores provas de valentia e aptidão para o serviço. Não fica muito longe a data da guerra do Paraguay.

Nesse tempo, fins do anno de 1864, logo que áquella terra chegou a nova do rompimento do Brazil com o Paraguay, não houve mais conter a torrente de *Voluntarios da Patria*, que vinham ao governo pedir um logar ao lado dos que se batiam pela honra do Brazil.

Formaram o batalhão n.º 26, quasi anniquilado no dia 2 de Maio de 1866, e foi tal o enthusiasmo que despertou aquelle feito entre os moços cearenses para vingar aos seus irmãos, que por todos os vapores seguiam com destino ao Paraguay innumeras levas de voluntarios, que refizeram o batalhão n.º 26, e ainda preencheram os claros dos demais dizimados nos primeiros combates.

A gloria immortalizou os nomes dos generaes Antonio de Sampaio, victima da sua bravura, Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, o general philosopho e sabio, José Clarindo de Queiroz, os Tamborins e outros muitos não menos valorosos.

A excepção do heroico Estado da Bahia, nenhum enviou relativamente mais soldados que o Ceará. Provaremos, se preciso for, com dados seguros.

O bravo Marquez do Herval fez-se acercar dos batalhões do Ceará, e veja-se o que está escripto sobre aquella guerra, que elle nos pontos mais arriscados levou sempre á gloria a soldadesca cearense, como a 24 de Maio, no Humaytá, na terrivel ponte de Itororó, onde elle proprio escapou devido ao denodo e valentia dos batalhões 14 e 26, em Lommas Valentinas, em Peribébuy, em toda a parte.

Ha alli actos de tanta coragem e loucura, que nada têm que invejar aos soldados mais valentes e disciplinados da Europa.

Uma terça parte do exercito nacional, garantimos, compõe-se de homens do Ceará, e o mesmo se dá com relação á armada.

Ainda não ha muito visitamos no porto do Pará o cruzador Benjamin Constant, e tivemos occasião de verificar que grande parte da marinhagem era cearense.

Os corpos policiaes de S. Paulo e Pará são formados quasi que exclusivamente de filhos daquelle Estado, e contem a maioria os de Amazonas e Pernambuco.

E' facil de verificar-se.

Um dos factos em que mais se notou a coragem e resignação desse povo excepcional, foi na terribilissima secca de 1877, 1878 e 1879. Descrever as luctuosas scenas dessa quadra de dores e agonias de uma população inteira, seria serviço superior á nossa capacidade.

Perderam-se para mais de trezentas mil vidas naquelle periodo angustioso, mas dentro de poucos annos, não se lembrava mais a antiga provincia dos seus ainda recentes padecimentos.

No tempo em que grassou a varióla, houve dias em que morreram para mais de mil pessoas.

Foi doloroso o quadro da fome e da peste, e, no entanto, o povo manteve-se revestido de immensa coragem para defrontar com todas as calamidades.

Habituou-se á desgraça.

Aqui, em um abarracamento, dançava-se e cantava-se ao som das violas, alli ajudava-se a morrer um infeliz, que deixava numerosa familia, acolá festejava-se o casamento de dois entes, que se esqueciam da morte para pensar no amor, e mais alem, n'uma briga terrivel motivada por ciumes, a faca tornava assassino a mais um desgraçado.

Não se submettiam aos açoites do infortunio.

Entretanto, nesse perido de tanta miseria e desespero, não se deu a minima perturbação da ordem publica. Não consta que o faminto atacasse o abastado para dar-lhe o que comer.

Emigrou para o norte e para o sul grande numero de infelizes, que haviam perdido a esperança de salvar-se na terra da patria.

No afan de procurar para si e para os seus os recursos da necessaria subsistencia, escolheram de preferencia os Estados do Pará e do Amazonas, e desde aquelle tempo até hoje, nunca mais cessou a torrente de emigração, que tanto tem engrandecido os dois ricos e poderosos Estados.

Confronte-se o que era a cidade de Manaus em 1877, e o que é hoje, as rendas destes dois Estados antes daquella data, e conscienciosamente responda-se si esse augmento não é devido só ao braço cearense.

E' uma justiça que se lhe deve.

Quem é que ignora que nas regiões inhospitas do grande rio dormem o somno da morte para mais de trezentos mil cearenses!

Vinham, por exemplo, em um anno explorar um rio cem homens, morriam noventa, voltavam os dez em busca de outros companheiros afim de continuarem o seu sacrificio.

Vinham no segundo anno trezentos homens para o mesmo penoso trabalho, morriam duzentos, e os que so-

breviviam, voltavam á patria e traziam em sua companhia quinhentos ..

Destes morriam quatrocentos, e os que escapavam, iam ao torrão natal e traziam outros patricios; e á força de muita coragem, de muita pertinacia, de muita temeridade conseguiram domar os estragos da morte naquellas longinquas regiões.

Foi e tem sido grande, muito grande o sacrificio dos cearenses, e só elles seriam capazes de levar tão longe a conquista e o descobrimento dos seringaes.

Nenhum povo estrangeiro faria outro tanto.

A commissão enviada ao Madeira, composta dos engenheiros Morsing, Pinkas e outros, não aguentaram as asperezas do serviço e do clima, e para não morrerem victimas das febres, dissolveram a commissão e retiraram-se ficando de nenhum effeito o plano do governo de fazer a estrada de ferro do Mamoré.

Agora diga-se com franqueza, quanto tem custado aos pobres cearenses a grandeza e prosperidade dos dois primeiros Estados do Norte?

Todos conhecem a historia dos seus soffrimentos, a sua peregrinação cheia de provações e dolorosas peripecias desde o logarejo do seu nascimento até esta capital.

Quanto pranto não verteram elles na hora cruciante da separação dos paes, das esposas, dos amigos, dos logares queridos de sua infancia, dos objectos de sua maior estimação para se entregarem ás eventualidades da sorte tão enganosa e o mais das vezes tão ingrata!

Na cidade da Fortaleza o seu embarque é uma scena que commove, que faz involuntariamente assomar lagrymas aos olhos, lagrymas de compaixão e piedade por aquella multidão maltrapilha e infeliz.

Ao sol encandecente do meio dia, numa praia desabrigada e nua, onde a luz, reflectindo-se em cheio sobre as arêias tão brancas como a neve, mais irrita a vista, inundados de suor pelo excessivo calôr, chorando de saudade pelos que ficam e pela patria que vão deixar sem esperança de tornar a ve-la, em numero de quinhentos, de oitocentos, e as vezes de mais, entre ho-

mens, mulheres e meninos, embarcam confusa e desordenadamente e chegam á bordo de qualquer vapor do Lloyd.

Ah! começa aqui o primeiro passo da via dolorosa que tem percorrido e continuam a percorrer aquelles desgraçados!

Sem commodo, sem alimentação, arrumados nos porões e na coberta como mercadorias em armazens, expostos os de cima aos rigores do sol e da chuva, sem ar os debaixo, misturados estes com toda a sorte de animaes, a supportarem o cheiro nauseante do escremento das gallinaceas, que para negocio são exportadas em dezenas de capoeiras, maltratados da creadagem, sem direito a reclamação alguma, vendo seduzidas suas mulheres e filhas pelos empregados de bordo, sem poderem moverse nem andar á falta de espaço, sem alimento proprio ás criancinhas que choram de fome, soffrem, os pobres coitados! o que é impossivel de descrever-se.

Homens de coração já tem reclamado contra a barbaridade de receberem os vapores daquella Companhia mais passageiros de prôa do que comporta o navio; mas qual! a Companhia do Lloyd tem muito mais poder, mais prestigio, mais valor do que os Governadores dos Estados, que a alta magistratura do paiz, que o proprio Presidente da Republica Brazileira, para descer a attender reclamações da gentalha.

Para tudo e para todos tem o riso do despreso, quando não manda uma insolencia como resposta.

Tivesse ella um poucoxinho de caridade ou tivesse força o governo deste paiz, por certo que a tantas e tão repetidas queixas se teria dado ligeira satisfação; mas quem é que pode com a Companhia do Lloyd neste mundo?

E' impossivel, repetimos, descrever-se a serie de soffrimentos, por que passam os emigrantes na terrivel travessia do porto do Ceará ao desta capital.

Dado o caso de um naufragio, na tremenda confusão de quasi mil e quinhentas a duas mil pessoas, que se

hão de bater para escapar á morte, com quatro botes apenas, como pode salvar-se alguem?

Quem embarca nestas condições, embora não pense sobre o caso, tira com a passagem egualmente passaporte para a outra vida.

Quem não preza a vida de seus semelhantes, quem falta com a caridade aos desprotegidos da sorte, é incapaz de um sentimento bom; salvando a sua pessoa, pouco se importa que o diabo leve os pobres passageiros que não têm honras, não têm presentes, não têm bons empregos para affagar a vaidade dos grandes.

De Janeiro a Agosto deste anno, noticia a *Republica*, jornal que se publica na cidade da Fortaleza, terem embarcado no porto daquella cidade com destino ao norte, segundo estatistica fornecida pela Secretaria de Policia, 15.548 pessoas.

Ora, admittindo que desse numero viessem oito mil para o Pará, custando cada passagem trinta mil réis, recebeu a Companhia do Lloyd 240:000$000; e para o Amazonas vindo sete mil, cada passagem a cincoenta e cinco mil réis, recebeu a mesma Companhia 385:000$000, quantia esta que addicionada áquella prefaz a de...... 625:000$000.

Esta somma em oito mezes!

Note-se que, sendo os pobres emigrantes, os que mais concorrem para a manutenção da Companhia, pelos milhares de passagens que em todos os annos pagam nas viagens de ida ao Ceará e volta aos seringaes, são, no emtanto, os que menos garantia têm, são os que não têm direito á melhoria de commodo, os que são mais insultados e desprezados á bordo.

Chegando ao porto de Manaus não minoram os seus padecimentos.

São desembarcados e mantidos em tascas repugnantes, immundas, verdadeiras sentinas, sem ar nem luz, onde a febre vae dizimando os mais fracos. Seguem quasi logo nos primeiros vapores, que partem para o interior. Ha receio de que elles se extraviem.

A bordo desses pequenos barcos têm se dado scenas de verdadeira selvageria.

Si por bruteza ou ignorancia, algum emigrante tem a infelicidade de contrariar ou desgostar ao commandante, este faz propositalmente parar o navio na praia mais deserta, mais distante do logar povoado, e lá manda atirar o *criminoso*, que fica a luctar contra a natureza, contra os insectos nocivos, contra a fome, emquanto não descança, ao fim de pouco tempo, na paz da morte sem ao menos a esmola de uma sepultura.

Ha poucos mezes um commandante mandou amarrar a um desses párias no mastro grande de seu vapor, e fê-lo açoitar barbaramente. Protestou um patricio advogado que assistiu ao deponente espectaculo, e a este respondeu o commandante com toda a soberania: o senhor não conhece o codigo de bordo!

Pode ter muita razão o digno marinheiro; mas isso só se pratica, onde não ha o minimo respeito a lei. Faz lembrar o seu acto os tempos *heroicos* do captiveiro em S. Paulo e Rio de Janeiro.

Ei-los nos seringaes.

Começam por pagar as mercadorias indispensaveis ao seu sustento por preços de 200 á 800 por cento sobre os da capital, ficando ainda obrigados a 20 $_0/^0$ sobre o total do que se lhes tiver fornecido.

Trabalham alguns em logares alagados, pantanosos, insalubres, e si por acaso a borracha extrahida não chega para satisfazer o pagamento da conta deste ou daquelle, o patrão o tem preso e vigiado até que se desobrigue de seu compromisso. Da-se por alli uma especie de captiveiro legal; pois que si alguem por compaixão se commove de um destes infelizes, entende-se com o dono ou senhor, paga o que elle deve e leva-o para o seu abarracamento, com o mesmo direito de passa-lo a outrem.

Não exageramos.

Outros são trancados nos troncos, são castigados de modo barbaro e muitas vezes para se liquidar a divida

mais summariamente são assassinados á bala de rifle, sem que se saiba o fim que levaram.

Si nas transações com um ricasso potentado não cumpriu um devedor a sua promessa no tempo convencionado, arma-se aquelle, vae a casa deste e toma-lhe tudo quanto encontra, obrigando-o ainda a passar lettras de tantos contos quantos entende no seu capricho.

Este modo de obrigar aos devedores a passarem lettras phantasticas, é mui curioso, e muito usual no interior, principalmente nos pontos mais longinquos da acção da justiça.

Agora mesmo acaba a imprensa de publicar o que fez o Sr. Francisco de Mello Rodrigues, no seu seringal denominado S. Bento, no rio Copiá, com o seu freguez Manoel Salles de Vasconcellos.

Salles era devedor de Mello, e este não querendo ter com elle mais transações, vae ao logar de sua residencia, toma-lhe todas as mercadorias existentes e mais a borracha que encontra, fazendo-o assignar á força uma lettra de 7:000$000 de réis.

Entre as mercadorias havia alguma de fornecimento do Sr. Lucas Pinheiro, que tendo noticia do absurdo praticado com a pessôa deste, auxiliou-o a procurar o seu direito recorrendo ás auctoridades de Coary.

Uma deligencia foi mandada ao seringal do Sr. Mello, constando ella do 3.° supplente do Prefeito, José Luiz do Nascimento, seu escrivão Domingos Eufrasio da Veiga, Manoel Salles, Lucas Pinheiro e um official de justiça.

Ao approximarem-se do porto foram recebidos sem a menor explicação á balas, sendo assassinado o escrivão Veiga, que, ao impulso do projectil que partiu-lhe o craneo, foi atirado nagua, escapando os outros milagrosamente, os senhores Prefeito e Salles, gravemente feridos, e os Srs. Pinheiro e official de justiça com ferimentos leves.

A excepção de um, os demais são cearenses.

Preguntamos: o que vae soffrer o Sr. Mello pelas consequencias do seu crime?

Podiamos responder antecipadamente: o que têm

soffrido os ladrões, os malfeitores, os assassinos, que têm commettido crimes identicos, cuja impunidade o acoroçôa e a todos os da sua audacia a pratica de outros ainda mais hediondos.

Quando, em que tempo, onde já foi condemnado no jury daquellas regiões um homem de dinheiro?

Só ha pena para os desprotegidos, para os miseraveis!

Todo crime fica impune. Si é commettido em logar dois ou tres dias de distancia do centro populoso ou séde da justiça, por via de regra, não se tira o processo; porque as auctoridades allegam a impossibilidade do comparecimento das testemunhas.

Si é recluso o criminoso, manda-se pôr a este em liberdade, porque não foi preso em flagrante e nem tem culpa formada.

Verdade é que muitas vezes tem sido algozes dos cearenses os cearenses; mas em geral os pobres são expostos á toda sorte de tormentos.

Podiamos citar milhares de factos em que a sua paciencia tem descido até a cobardia, até o ponto de lhe profanarem a mulher; e, no entanto, elle se submette indifferentemente sem lembrar-se mais que á cinta tem uma faca, aquella que o tornava tão respeitado, tão temído na terra da patria.

Terminado o tempo do fábrico, como ordinariamente aqui se diz, voltam os perigrinos em busca dos logares do seu nascimento, levando apenas mingnados recursos do trabalho pesadissimo do anno, que escaparam a ganancia do patrão.

E' muito corrente aqui referir-se, que individuo que tem saldo em poder do patrão, nunca mais o póde haver; sendo isso motivo para desapparecer de entre os vivos apesar da muita saude como surprehendido por apoplexia.

A vida de um homem nos seringaes vale tanto quanto a de uma anta, um jacaré, uma giboia, si é que não valha menos; por quanto estes animaes a todos infundem certo medo.